

COMUNICAÇÃO EM REDE E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE¹

Nuno Correia de Brito
ISCTE Instituto Universitário de Lisboa
Nuno_Manuel_Brito@isct

Resumo

A construção Social da Realidade (Berger e Luckmann) é uma teoria construtivista que encontra na linguagem e na comunicação argumentos para a explicação da génese e funcionamento da sociedade, argumentos que servem também de base a Habermas para as suas teorias sociais e políticas após a “viragem linguística”. Quando analisamos a ação das tecnologias da informação e da comunicação no processo de construção social da realidade na pós-modernidade, não esquecendo as múltiplas forças que estão implicadas neste processo, podemos chegar à conclusão de que a internet e as novas tecnologias podem ser entendidas como manifestação de uma ideologia neoliberal capitalista e que, mais que mediação da distância, estas tecnologias são, acima de tudo, dispositivos de linguagem.

Palavras-Chave: Construção Social da Realidade; Tecnologia; Linguagem; Discurso; Ideologia; Capitalismo

Introdução

O presente artigo procura fazer uma reflexão sobre a problemática da mediação, no sentido de questionar sobre a intervenção e impacto da tecnologia, em especial da comunicação em rede, no processo de construção social da realidade. Procura, ainda, analisar o poder associado à linguagem e aos discursos quando mediados pela tecnologia, assim como as alterações que este novo paradigma coloca ao sentido e à construção da realidade, num contexto global.

1. Linguagem, Discurso e Modernidade

A perspetiva é considerada uma manifestação do novo paradigma da racionalidade moderna. Esta tecnologia, possível através de um modelo de equações matemáticas e da geometria, veio permitir a representação do mundo por meio de múltiplos pontos de vista, no sentido de garantir a desejada objetividade (Panofsky).

A intervenção da técnica nos processos de construção do conhecimento, a fixação da crença (Pierce), ou a maneira como representamos, é uma temática muito presente no livro “As Palavras e as Coisas”. Foucault deixa claro que a representação é um discurso sobre o objeto e, como tal, incompleto, pois há sempre algo que lhe escapa, que lhe falta. Neste processo concorrem múltiplas forças, é, por isso, uma manifestação de poder, no sentido que cria uma nova realidade.

Em *Las Meninas* existe um movimento intrínseco, os lugares vão alternando de acordo com a perspetiva do espetador (rei, pintor, espetador). Uma obra em que o objeto de representação não é a corte do Rei Filipe de Espanha, mas sim um movimento, uma força imposta ao processo de representação. São três lugares e pontos de vista que se encontram num ponto exterior ao quadro (Foucault, 2005: 69). Como diz Adriano Duarte Rodrigues, “A razão é, por isso, na modernidade, o lugar invisível a partir do qual o mundo é posto em perspetiva” (Rodrigues, 1994: 67).

O modelo racional permitiu o desenvolvimento da ciência e que esta ocupasse lugar enquanto produtora de conhecimento. Para Foucault, “representar” é “enquadrar”. A *mathesis*, a ciência universal da medida e da ordem, passa a servir de modelo de representação de entendimento universal. Foucault entende a ciência enquanto discurso e, como tal, um instrumento de conquista de poder e legitimação para instaurar processos de inclusão e de exclusão.

Para Júlia Kristeva, “no discurso, a língua comum a todos torna-se o veículo de uma mensagem única, própria da estrutura particular de um determinado sujeito que imprime sobre a estrutura obrigatória da língua uma marca específica, em que se marca o sujeito sem que por tal ele tenha consciência disso. (Kisteva, 1980: 23)

Assim, o discurso consiste na utilização da linguagem, segundo um aspeto instrumental, inserido num processo comunicacional, tendo o emissor um objetivo, explícito ou oculto, de produzir efeitos na audiência/recetor.

1 Texto que resulta das conclusões da dissertação de mestrado “A Construção Social da Realidade: o sentido e a verdade num mundo mediado pela tecnologia”, ISCTE IUL, 2011

É na formação e consciência de classes, e no processo antagônico de luta entre elas, que os limites ao sentido se colocam, defende o materialismo histórico. Cabe aqui perspetivar o conceito de poder enquanto elemento-chave, pois, é através deste processo que os grupos formam territórios ideológicos e que, por sua vez, introduzem mecanismos de dominação e determinação implícitos nos discursos, segundo o conceito de determinismo de Williams. (Williams;1980: 7)

A constituição do «espaço público», considerado por Habermas como um desenvolvimento da consciência do ser social, é acompanhado pelo nascimento de uma nova classe, a burguesia. Resultado ou não desta alteração, por especulação, podemos apresentar a noção de «espaço público» enquanto antecâmara de uma modernidade em que a racionalidade associada à mobilidade constitui a força motriz da mudança social.

Nesta linha de raciocínio, a época moderna aporta, assim, um movimento, nos vários sentidos - económico, social e cultural. Uma visão económica de escala global, graças ao desenvolvimento da burguesia mercantil, lança as bases do capitalismo e, com ele, uma nova consciência social (direitos).

“Na verdade, os avanços das gerações modernas em matéria de movimento transmitiram-nos enormes espaços de manobra em numerosos domínios, e é quase miraculoso o que os membros das burguesias e classes médias contemporâneas conquistaram em termos de mobilidade, no decurso de escassos dois séculos, no terreno da política, da economia, da língua, da informação, da circulação, da expressão e da sexualidade.” (Sloterdijk, 2002: 34)

O êxodo rural que se observou com a Revolução Industrial deu origem a um novo tecido social. Novos grupos e comunidades surgem neste contexto e a imprensa adquire, aqui, um papel muito importante na coesão e controlo social e, conseqüentemente, na criação de um território para o desenvolvimento da democracia. A imprensa aparece como elemento agregador de símbolos que se propaga aos vários elementos de uma comunidade e que, de certa forma, contribui para os processos de reprodução social. Aqui, também os estudos de Vicent e Small foram especialmente pertinentes, contribuindo, também, as pesquisas realizadas por Dewey e Park (Escola de Chicago/ Interacionismo Simbólico)

2. Linguagem, Tecnologia e Mediação

O processo de mediação permite à linguagem a sua ampliação. Se pensarmos a cultura enquanto estruturas de signos, significados e significações, que resultam em formas de organização social, possíveis pela partilha e comunicação, então, a tecnologia vem, de certa maneira, potenciar aquele processo de mediação. A cultura fundamenta-se nestes processos, enquanto génese de uma construção humana, onde vários fatores se conjugam e múltiplas forças concorrem para dar forma à realidade social.

Os processos de mediação permitem que os indivíduos, inseridos em contextos sociais, construam conhecimento pela veiculação de símbolos na interação. É neste movimento constante que resulta a cultura, as representações, as normas (Hall). Estes processos de representação, possíveis pela existência de uma linguagem, podem ser redefinidos pela tecnologia (Habermas).

3. A Construção Social da Realidade

A linguagem é o elemento fundamental para a construção de sentido e apreensão do real. Schutz, nos seus trabalhos, abordou as questões de estrutura do mundo do sentido comum da vida quotidiana. “A vida quotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente.” (Berger e Luckmann, 2005: 35).

É no mundo da “vida quotidiana”, instância por excelência do senso comum, que os membros de uma dada comunidade, intersubjetivamente, partilham o conhecimento adquirido pela experiência, tornando-o objetivo pela linguagem: “A linguagem usada na vida quotidiana fornece-me continuamente as necessárias objetivações e determina a ordem em que estas adquirem sentido e na qual a vida quotidiana ganha significado para mim.” (Berger e Luckmann, 2005: 38).

O conhecimento é construído intersubjetivamente pelos indivíduos. A realidade da “vida quotidiana” torna-se possível por existirem objetivações. A exteriorização na ação humana está associada à significação e à mediação simbólica. Assim, quando um conhecimento é partilhado e aceite por todos os elementos de uma comunidade, pode ser considerado objetivo.

As construções objetivas realizadas pela linguagem resultam num funcionamento coercivo sobre os

indivíduos pela regulação, controlo, socialização e reprodução sociais. As instituições sociais exercem um poder de autoridade sobre o indivíduo.

A sociedade constitui-se através de realidades objetivas e subjetivas, numa construção que segundo Berger e Luckmann é composta por três momentos: exteriorização; objetivação; interiorização. É por processos de interiorização, entre a realidade objetiva e o mundo subjetivo, que a identidade tem lugar.

A «relação», que é causa e efeito do fenómeno comunicacional, traduz-se na construção de uma realidade comum, por meio da transmissão e partilha de sentidos na interação. Para Roger Silverstone (2005), a mediação é o processo segundo o qual os seres humanos colocam em circulação os significados.

No mesmo sentido, Jean Caune defende que o verdadeiro lugar da cultura constitui-se pelas interações individuais e, no plano subjetivo, o universo de significação que qualquer um pode construir na relação com o outro. A cultura, por este ponto de vista, representa a mediação que permite e constrói a história social (Caune, 1999: 121). É na consciência da existência de fronteiras simbólicas que, na opinião de Silverstone, reside a condição para a construção e manutenção da comunidade.

4. A Tecnologia, a Pós-Modernidade e a Comunicação em Rede

A visão plural e multifacetada oferecida pelo modelo racional na modernidade, cujo espírito iluminado se estendeu aos modelos de organização política, inicia uma nova conceção de corpo e unidade na pluralidade. Uma noção de Estado que se fundamenta na divisão de poderes e na laicização. Lógica que por si já havia encontrado legitimação no discurso religioso, inspiração divina presente nos ideais iluministas.

A modernidade propõe um novo modelo em detrimento da aceção monolítica do poder absolutista. É neste contexto que se cria a base para a ascensão da burguesia, do desenvolvimento da filosofia liberal e das revoluções pelos direitos económicos e sociais (Revolução Americana e Revolução Francesa)

Alguns autores atribuem à segunda metade do séc. XX o início da pós-modernidade, período coincidente com o desenvolvimento da informática e das tecnologias da comunicação e da informação, e que representa, de modo geral, uma mudança de paradigma.

Anteriormente, o modelo predominante era o de *mass media*, apelidado por Chomsky como “modelo de propaganda” por ser assimétrico, descendente, unilateral, favorável a visões hegemónicas, muito próximo das ideologias e sistemas políticos autocráticos.

Assiste-se, agora, ao desenvolvimento do modelo interativo, que comporta consigo implicações aos níveis social, económico e cultural. Deixámos de ter uma cultura de massas, resultante do modelo de disseminação de mensagens em sentido único (como explica a T. Hipodérmica), para um modelo interativo, bilateral e em rede.

A pós-modernidade assenta nos pressupostos da informação e no seu valor de uso, nos sistemas cibernéticos, na informática e telemática. Tal como a entende Jean-François Lyotard, a pós-modernidade assiste ao enfraquecimento dos pressupostos da época moderna, pilares do humanismo e da racionalidade, como os direitos sociais e de cidadania ou os cânones da ciência.

Os fluxos informacionais regulam agora a vida económica, em que as tecnologias da informação assumem o papel de destaque nesta nova economia, com uma nova configuração de poderes.

Segundo Pierre Lévy, o “Ciberespaço” é entendido enquanto “o novo meio de comunicação que emerge da interligação mundial dos computadores” (Lévy, 1997: 15), que permite o surgimento de uma cultura particular e específica associada à internet – a “Cibercultura”. A produção e consumo simultâneo de informação configura uma rede que adquire ela própria ritmos e vida própria. A “inteligência coletiva” resulta desta nova forma de comunicar e permite a existência de um “universal não totalizante”, na aceção de Lévy (1997: 30).

O modelo de comunicação atual assenta numa comunicação interativa, num sistema bilateral e em rede, onde o recetor e o produtor da mensagem coincidem, ao contrário do modelo de *mass media*. A tecnologia reproduz e mimetiza, agora, o processo de comunicação natural, potenciado pelos desenvolvimentos das infraestruturas de telecomunicações (ADSL, banda larga, fibra ótica, etc).

Lévy defende que a “inteligência coletiva”, que nasce com o ciberespaço e com os processos de comunicação interativa, vem instaurar um “novo humanismo” pelo novo universal que coloca, uma vez que é na reciprocidade e interligação que reside esta nova forma de sociabilidade e criação de conhecimento. Segundo o autor, “a inteligência

coletiva é um processo de crescimento, de diferenciação e de reflorescimento mútuo das singularidades” (Lévy, 1994: 43)

Deleuze e Guattari propõem a construção do conceito de multiplicidade, uma nova interpretação do real que conjuga a construção ontológica e uma visão do mundo com base no modelo de “rizoma”, enquanto explicação das forças presentes no processo de aquisição de conhecimento.

Para Deleuze e Guattari, o que é importante são as circunstâncias e não a essência das coisas. Em Mil Planaltos, os “estratos”/ planaltos são associados aos “agenciamentos” de poder. Explica assim a heterogeneidade e as diferentes linhas que compõem uma multiplicidade. Pelo modelo de “rizoma”, Deleuze e Guattari recusam a ideia do pensamento enquanto representação, preferindo um sistema em que a linguagem se assume como instância representativa e o sujeito como estrutura enunciativa capaz de conectar-se com as multiplicidades.

Para Deleuze e Guattari, “A máquina abstrata de Chomsky fica ligada a um modelo arborescente e à ordem linear dos elementos linguísticos nas frases e na sua combinatória. Mas desde que se tem conta dos valores pragmáticos ou das variáveis interiores, nomeadamente em função do discurso indireto, somos forçados a fazer intervir “hiperfrases” ou de construir “objetos abstratos” (transformações incorporais) que implicam uma sobrelinearidade, isto é, um plano cujos elementos já não têm ordem linear fixa: modelo rizoma” (Deleuze e Guattari, 2007: 127-128).

Os autores são críticos relativamente aos princípios do estruturalismo e da teoria marxista da ideologia. Recusam os pressupostos da semiologia, criticam a distinção *langue/parole* saussureana. Para os dois autores, não existe uma ordem hierárquica de uns signos relativamente a outros. Para eles, o real é construído através de linhas, isto é, de movimentos distintos que operam segmentações, constituindo dimensões molares ou moleculares.

Deleuze e Guattari defendem uma conceção original, que denominam “centros de poder”. Estes são definidos pela existência de operações de conversão dos fluxos moleculares em segmentos molares. Aqui, o Estado é concebido como um processo de agenciamento de “reterritorialização” ou movimento de “sobrecodificação” que organiza a ressonância dos centros de poder.

As tecnologias da informação e comunicação possibilitam um novo mapeamento de poderes e de forças, pela introdução de processos que poderão estar na base das alterações que se observam a nível social, económico e político. Como vimos, a técnica permite alterações na forma de representação, pelo movimento e exteriorização que oferece. O conhecimento, agora, é arbitrário e não-linear.

Castells, ao comparar o poder dos *mass media* ao poder que surge com a comunicação em rede, apresenta a *mass self communication* enquanto resultado das tecnologias que permitiram a individualização (Lipovetsky), cada vez mais longe do efeito de institucionalização possível pelos meios de massas. Nasce, assim, um novo poder. Manifestação atual do “empowerment”, símbolo da ideologia neoliberal.

O carácter *a-espacial* é a base da Internet e a principal característica de uma sociedade reticular, independente do lugar, sem fronteiras de espaço e tempo. Com o uso massificado das novas tecnologias e do computador, o funcionamento em rede adquire um significado particular, cuja dinâmica se fundamenta em movimentos de fluxos informacionais.

Para Castells «as redes constituem a nova morfologia das sociedades e a difusão da sua lógica modifica substancialmente as operações e os resultados dos processos de produção, experiência, poder e cultura.» (Castells, 2007: 605)

De acordo com Christian Fuchs, uma rede é uma estrutura interna de um sistema auto-organizado composto por partes, pelas suas interações/ relações e padrões que emergem das interações. (Fuchs, 2007: 49)

O espaço é construído por todas as estruturas de um sistema que está delimitado por fronteiras. *Global Capitalism Network*, segundo Fuchs, é baseado num modelo organizacional transnacional em que as organizações atravessam e ultrapassam as fronteiras nacionais, sendo que o ciberespaço se configura enquanto infraestrutura para permitir essa ampliação global dos sistemas sociais, exceder os limites temporais, sustentando, assim, a transnacionalização do capitalismo. (*idem*, 2007: 49)

Conclusão

A modernidade é um período marcado por desenvolvimentos a nível do pensamento técnico, científico e filosófico. O modelo racional, base de toda a ciência, impôs um “olhar” objetivo, possível pelo movimento de exteriorização entre sujeito e objeto. O desenvolvimento técnico veio permitir dar resposta ao questionamento científico. Como explica Pierce, a “fixação da crença” nasce da “irritação” do espírito por encontrar respostas que permitam compreender e interpretar o mundo. Para Pierce, a ciência nada mais é que um sistema semiótico, que permite a representação. A técnica e a sua ação podem, assim, ser entendidas como intervenientes no processo de representação e, de certa maneira, produtoras de realidades.

A técnica intervém no processo linguístico (representações) e comunicacional, sendo a internet considerada não só uma tecnologia de mediação da distância produtora de realidades, mas, acima de tudo, um dispositivo de linguagem, com forte impacto nas dimensões sociais, económica, política, cultural, numa perspetiva à escala global.

Podemos falar, então, do discurso da tecnologia, enquanto ideologia atual dominante (Habermas). Para alguns autores neomarxistas, a importância crescente das redes de computadores e das organizações em rede globais é o resultado instrumental do desenvolvimento capitalista (Fuchs; Fisher). As teorias pós-estruturalistas, fortemente influenciadas pela corrente de Frankfurt, associam os processos económicos de troca à linguagem (Bourdieu). Os processos de construção social da realidade são, assim, determinados por um poder de base económica. Críticos desta abordagem, Deleuze e Guattari apresentam uma interpretação baseada na multiplicidade e no modelo de rizoma, em oposição ao modelo arborescente. Para os autores, a realidade no tempo atual é construída por linhas, sem uma estrutura linear, onde os centros de poder assumem uma nova configuração e ação.

Numa realidade construída sobre uma base tecnológica, o «discurso digital», a convergência das tecnologias da informação e seres humanos, é visto como significado de emancipação e desenvolvimento. A experiência humana é aumentada pela tecnologia. Os modos de produção e os humanos são reconfigurados pela presença da tecnologia e, logo, por uma nova sociedade. Contrariamente ao modelo fordista, em que o indivíduo industrial se articulava com a máquina pelo comando, confinados às dimensões espaço e tempo pela fisicalidade, a época pósfordista, atual, é caracterizada pela descorporalização

e virtualização. O corpo, mente e identidade são essencialmente informacionais, flexíveis e múltiplos. Hoje os seres humanos são seres aumentados, em rede, em que a tecnologia se encontra ela própria incorporada.

Referências Bibliográficas

- Baudrillard, J. (1997). *Écan Total*. Paris, Éditions Galilée.
- Berger, P. e Luckmann, T (2008). *A Construção Social da Realidade*. Petrópolis, Editora Vozes.
- Bourdieu, P. (1998). *O Que Falar Quer Dizer*. Algés, Difel.
- Brito, N. (2011). *A Construção Social da Realidade: o sentido e a verdade num mundo mediado pela tecnologia*, dissertação de mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação, Lisboa, ISCTE IUL
- Castells, M. (2007). *A Sociedade em Rede*, I. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.
- Caune, J. (1999). *Pour Une Ethique de La Mediation. Le sens des pratiques culturelles*, Sain- Martin-d'Hères (Isère), Pug.
- Deleuze, G. e Guattari, F. (2007). *Mil Planaltos. Capitalismo e Esquizofrenia*, Assírio e Alvim.
- Fisher, E. (2010). *Media and New Capitalism in the Digital Age*. New York, Palgrave Macmillan.
- Focault, M. (2005). *As Palavras e as Coisas*, Lisboa, Edições 70.
- Fuchs, C. (2007). Transnational space and the network society. *21st Century Society* (2), 1, pp. 4978
- Kristeva, J. (1980). *História da Linguagem*, Lisboa, Edições 70.
- Lévy, P. (1994). *A Inteligência Colectiva. Para uma Antropologia do Ciberespaço*, Lisboa, Instituto Piaget
- Lévy, P. (1997). *Cibercultura*, Lisboa, Instituto Piaget
- Rodrigues, A. D. (1994). *Comunicação e Cultura – A experiência cultural na era da informação*, Lisboa, Editorial Presença.
- Silverstone, R. (2005). *Por que estudar a mídia*, 2ª edição, São Paulo, Edições Loyola
- Silverstone, R. (2007). *Media and Morality on the rise of the mediapolis*. Cambridge, Polity Press
- Sloterdijk, P. (2002). *A Mobilização Infinita. Para uma Crítica da Cinética Moderna*. Lisboa, Relógio d'Água
- Williams, R. (1980). *Marxismo y literatura*, Barcelona, Península.